



Editor responsavel, ANTONIO PACHECO

Director, PADRE BENEVENUTO DE SOUZA

Praça da Batalha, 115—PORTO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Padre Benevenuto de Souza, Outeiro, Torres Novas.

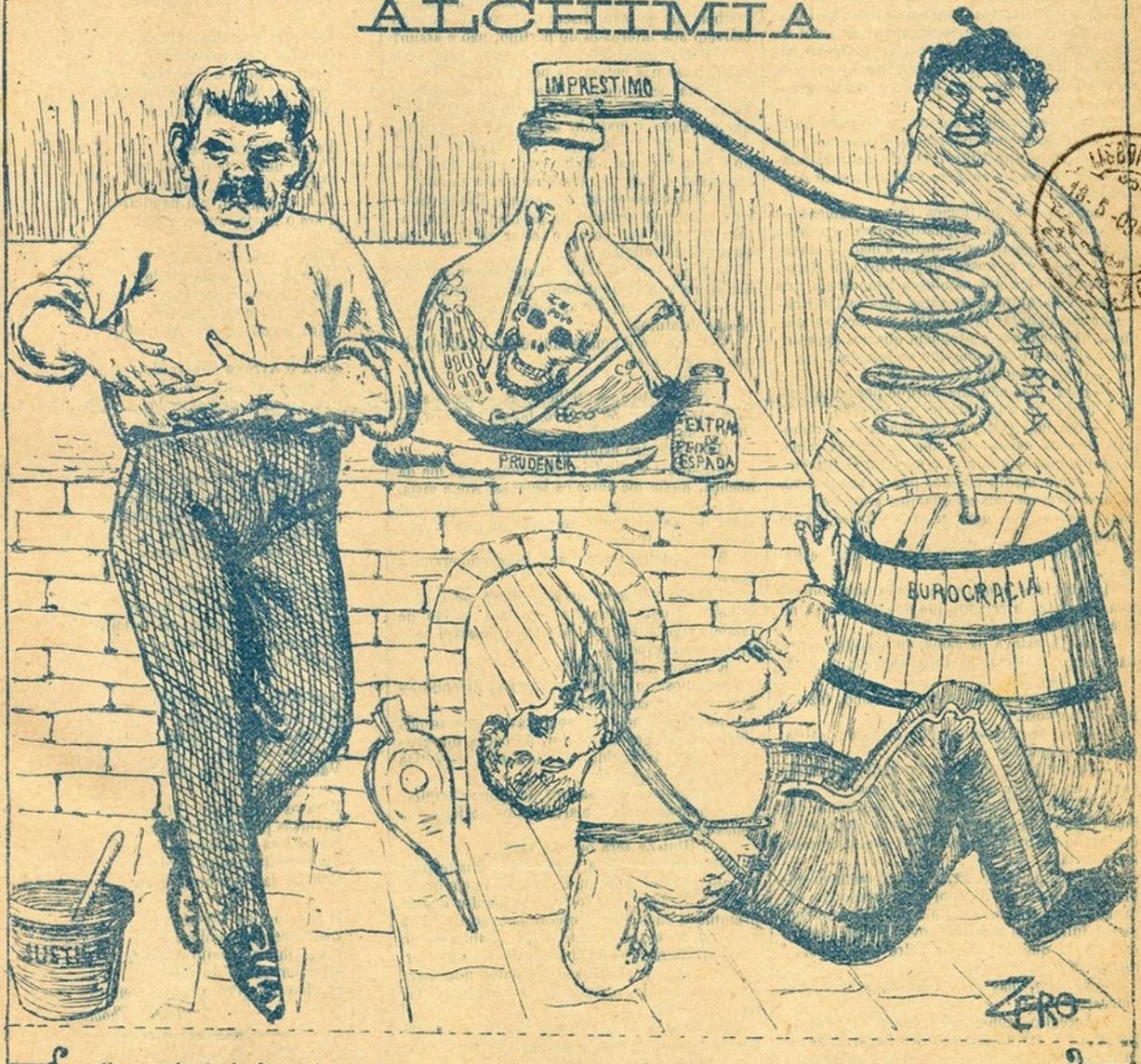
Lithographia União

Pagamento adiantado

T. de Cedofeita, 22—PORTO

Anno 500 reis.—Avulso, 20 reis.

ALCHIMIA



Com sabedoria bestial, resolveram procurar no corpo do Zé algumas gottas de sôro pecuniario para acudir ao desequilíbrio orçamental. O das pompas e cavafadas sopra a fornalha, enquanto o financeiro das aguas... chilras, faz calculos mathematicos... pelos dedos.
 Desillusão! O que elles julgaram pelle era um tecido impalpavel, e os tristes ossos só deram um punhado de cal.

Politica



RES assumptos, saltitantes e vivinhos da costa, como a sardinha d'Espinho, se apresentam deante dos nossos olhos peccadores como que a dizer-nos:—Prefere-nos, filho, prefere-nos, que nós somos de chupeta!

E são, palavra d'honra!

Contemplando-os — aos tres — sentimo-nos parvinhos de todo sem saber qual escolher, e á mente acodem-nos os versos da tricana:

D'estes tres ricos amores,
Para qual me voltarei?
Dou mil tratos á cachola
A vêr quem escolherei.

Os tres são: 1.º a viradella de casaca do amigo Fervilha, que despiu a vestia real para invergar a blusa liberal; 2.º o emprestimo graudo que o Hint Ze, por intermedio do Racho-te d'Alijó, vai contrahir, para deixar ao Zé Luciano piano com que sustentar os canarios da sua gaiola politica; 3.º a scisão entre os pedreiros livres, os quais pedreiros apparecem, á ultima hora, com dois malhetes e dois gró-mestres.

Ora, d'estes ricos amores, depois de muito matutar, escolhemos o terceiro. Parece-nos, dos tres, o mais appetitoso. O primeiro mandamol-o de presente ao Zero para pallitar os dentes com elle.

Feita a escolha, fomos immediatamente—(nós não costumamos guardar para amanhã o que hoje se pôde fazer)—pedir a mão da noiva.

O papá é o nosso amigo Custodio Borja. Amigalhotos dos saudosos tempos em que faziamos barquinhos de papel para os fazer navegar no alguidar de cosinha das nossas mães, não pedimos a ninguem que nos apresentasse. Fomos e batemos-lhe ao ferrolho.

—O sr. Custodio Borja está?

—Está, mas não fala porque perdeu a noite a dançar ao som d'harpa no Alecrim.

—Não importa: nós não somos de cerimonia. Iremos cavaquear com s. ex.ª á cama. Diga-lhe que está aqui o reporter d'O Petardo.

O creado mediu-nos dos pés á cabeça a vêr se descobria em nós em qualquer sitio a *accacia*. Não a vendo, fez uma careta e foi-se. D'ahi a momentos:

—Pode entrar, cavalheiro. S. ex.ª espera-o.

Lepido, aos pinchinhos como uma andorinha, seguimos o criado, que nos introduziu no quarto de dormir do conselheiro.

S. ex.ª estava na cama, de barrete branco na cabeça, saboreando uma chavena de café.

—E' servido?

—Obrigado, conselheiro, não tomo: faz-me mal ao nervoso.

—Pois eu atiro-me a elle como um catita. Que o traz por cá?

—Pedir-lhe a mão .. Perdão: conversar com v. ex.ª sobre os pedreiros livres.

—Pedreiros livres?! Você também é dos taes? Saiba que embirro solememente com tal traducção de *franc-maçons*. Nós somos *maçons*, á franceza.

—Desculpe-me v. ex.ª, mas eu também embirro com palavras d'exportação quando de casa as temos que traduzem bem a ideia e com raizes fundas na alma do povo. Então sempre é verdade que ha scisão entre pedreiros... quero dizer entre os II . . . ?

—Ha, sim, mas nós é que somos os verdadeiros.

—Acredito, conselheiro, nem v. ex.ª se prestaria a ser do numero dos Judas. Mas diga-me, aqui entre amigos: qual a origem da scisão?

—Eu lhe conto. O Anselmo Vieira e o Vaz Ferreira . . .

—Já sei isso, conselheiro. O Anselmo e o Vaz zangaram-se e saíram do Or . . . Lus . . .

—Isso mesmo. Mas nós somos os verdadeiros, porque . . .

—D'accordo, mas adiante. O que eu desejo

saber é em que v. ex.ª e os seus se differenciam dos outros.

—A differença essencial é que nós não tratamos de politica nem de religião, ao passo que elles . . .

—Elles tratam e fazem d'isso a sua principal preocupação. São coisas sabidas. Mas—desculpe a indescricção—v. ex.ª deixou de ser regenerador?

—De modo algum; continuo a ser fiel amigo do Hint-Ze.

—E na chafarica, hein!—dissemos-lhe nós batendo-lhe uma palmadinha na pança—só se discute a politica hintzacea?

O conselheiro sorriu-se e piscou-nos um olho, o esquerdo.

—Pois está claro! Mas a politica regeneradora-hintzacea não é prohibida.

—Oh claro, claro como agua! Os II . . . do Alecrim abominam a politica que não seja a sua. E' justo . . .

—Justissimo! A franc-maçonaria não é inimiga da liberdade. Seria uma prepotencia se nos prohibisse que defendessemos o nosso partido!

—E, quanto a religião,—prosequimos nós—tambem lá se não discute . . . senão quando convem aos interesses do partido, não é assim?

—Justamente! Você parece que está bem enfronhado nas coisas da nossa Loj . . . !

—Era de suppôr. A logica, por emquanto, ainda não é uma batata, conselheiro. De modo que, quando o partido de v. ex.ª é regalista, o Gr . . . de Port . . . é regalista; quando é o inverso, para deitar poeira aos olhos dos ingenuos, o Port . . . também vira a casaca?

—Justissimamente. Nós somos fieis partidarios e fieis observantes da lei maç . . . O estatuto diz que não se deve tratar na loj . . . de questões de religião, e nós . . .

—E v. ex.ª só trata quando o seu partido lhe dá na veneta de discutir essas questões.

—E' como diz. Viva, pois, o artigo 2.º dos nossos estatutos!

—V. ex.ª é d'uma acuidade d'intelligencia que me espanta!

—Favores . . .

—Não, justiça, conselheiro. E, —agora aqui para nós—o Hint Ze também faz parte do Gr . . . Or . . . de Port . . . ?

O conselheiro espirrou.

—Estou a sentir frio, meu amigo. Se me dá licença, metto-me entre os lençoes. Até á vista.

—Não quero que v. ex.ª se constipe; mas antes de me ir, tenho empenho em que v. ex.ª me diga se o Hintze . . .

Dois «atchim! atchim!» interromperam a conversa.

—Como vê, meu amigo,—disse-me o conselheiro depois d'espirrar—o meu estado de saude exige cuidados. Não me é possivel continuar a cavaqueira.

E voltou-nos o costado.

Pegamos no chapue e saímos, dizendo:—Até mais ver, conselheiro!

Respondeu-nos um som cavo, que se nos affigou um grunhido. Foi, de certo, um grunhido que, traduzido, queria dizer:—Vai-te p'rô diabo, maçador!

Confessamos que saímos um pouco arreliado, com esta ideia a martelar-nos no folle dos pensamentos:

—O Hint-Ze será ou não será?

Quizemos ir fazer a pergunta ao Shakespeare, que era um gago muito entendido em questões de *To by or not to by*, mas acudiu-nos de promptô á cachimonia que o desgraçado tinha morrido de susto quando viu o phantasma do pae de Hamlet desempenhado pelo actor Posser.

E então, azabumbados, safamo-nos para casa, matutando, matutando, a perguntar aos nossos botões:

—Por que será que o papá Baphomet não dá aos Irmãosinhos com o perfumador pelas ventas para os chamar ao rego?

—O' compadre, não lhe parece a vossemocê que o mundo está virado do avesso? Temos agora *surgidas!* e temos parteiros!

—Pois então, comadre! Anda tudo ás avessas. Até as *rapazas* já catrapiscam os *raparigos*.

Carta aberta

Meu illustre Director:
Cá me tem recém-chegado;
E agora ao seu dispor,
Se me fizer o favor
De aturar mais um bocado,

Desculpe pelas alminhas,
Que muito constricto estou,
Não lhe dar noticias minhas,
Nem escrever duas linhas,
Nem saber como passou.

Andei pelo estrangeiro,
Já se vê, a viajar;
E se não fosse o dinheiro
Ser ingrato e traigoeiro,
Inda andava a passear.

Fui a Paris e Leão,
Comprei artigos baratos;
Fui á China e ao Japão,
Fui a Aveiro em carroção
E vim de lá sem sapatos!

Comprei prendas valiosas,
Brindes e outros artigos;
Cousas lindas e formosas
Que minhas mãos dadvivasas,
Vão dar a certos amigos

Para o Hintze Ribeiro
Trago um corte de collete;
Para o Navarro, dinheiro;
Para o Alpoim, um pandeiro;
Para o Borja, um malhete.

Para o José d'Anadia,
Que já conta certa idade,
Um pacote de energia;
E um frasco d'agua fria
Para o conselheiro Andrade.

Para o Arroyo enxofrado,
Trago uma lnda cadeira,
Porque vae ser nomeado
Para o Conselho d'Estado
Se tal não fôr brincadeira.

O Argus não me esqueceu,
E também brindal-o quero;
Trago-lhe um bello chapue;
E vem toucinho do ceu
Para o meu amigo Zero.

Para o Eurico Póveiro
Uma rêde e mais um barco;
Pra Comba Romba, um tinteiro;
E batatas com carneiro
Para o Pá klò e Zarco.

Joel Barsaba, um bonito
Vae ter este maganão;
E também o Pé-Riquito
E o Dr. Joanito
Vão ter ambos um pião.

Para os leitores do Petardo,
Diversas perfumarias
De violeta e de nardo,
Tudo metido n'um fardo
Com varias quinquillherias.

E para o meu Director,
Descance que também tem;
Trago-lhe um beijo d'amor,
Mas por causa do calor,
Só lh'o dou p'rô mez que vem.

Thomé Thomaz.

Na nossa India

Depois de ter visto Goa
Um inglez com alta proa
Exclamou: «Isto é p'ra nós!»
Mas chegava n'este ensejo
Uma lata do despejo,
E disse eu:—Isto é p'ra vós.

Pákló.

Petardêtes de Lisboa

Tem dado que falar a supposta confederação da Franconia com a Bacocolandia. A nós quer-nos parecer que as duas potencias tratam sómente d'estabelecer um accordo sem compromissos de fusão nem de aliança. Ao santinho do Alcaide diz qualquer labroste: Bem te conheço, pau de laranja!

—Fala-se no saneamento da cidade do Porto, e fala-se muito a serio, o que não quer dizer que se trate d'isso nem a serio nem a brincar. Caso que se tratasse, ou um pouco a brincar, ou um pouco a serio, d'essas taes obras de Santa Engracia, já as *Novidades* viriam cheias de caricias aos mercantes do Porto e já a Agencia Havas teria dicto ao mundo que n'essa cidade cada subdelegado de saude tinha averiguado nove casos typicos de peste bubonica em tres gallegos da Fonte Taurina. Tres vezes nove... nove fora: nada.

—Na manhã de 4 do corrente fomos á egreja dos Jeronymos saudar a romantica sombra do nosso Garrett. O poeta tripeiro estava tão só e esquecido. Foi de Joaze de Deus. *Sic transit gloria mundi!* Falou-nos ao ouvido, por guardar respeito ao logar santo, e disse-nos que estava enfadadissimo dos discursos que a litteratura cangalheira lhe botou no adro.

«Mas antes disso—segredou a sombra—do que ouvir n'esta egreja um panegyrico profano e liberalão.»

Tambem nos disse Garrett que a chafarica se intromettera na precessão para jogar uma partida ao José Estevam. Pedimos-lhe a submissa emeticamente que se explicasse, e dignou-se a benigna sombra falar assim:

«Filho, por mercê de Deus retirei-me da maçonaria depois de a ter servido com o fervor da mocidade illusa e vaidosa, guardando na retirada a maior circumspecção; mas como a minha inactividade era mais do que permitia a isenção do meu alto grau, e como algum remedio procurava na politica para os males que eu mesmo em boa parte causara, o José Estevam maisinou-me e vexou-me a mais não poder. Nos seus discursos podes ver muitos indicios d'essa perseguição maçónica. E agora a maçónica fez acto de desagravo aos ossos que já não pode roer. Imagina a raiva do Porcio na caldeira de Pero Botelho.» O resto da entrefala não é para aqui. Descanse em paz a preciosa osada de Garrett... e a maçónica vá pentear macacos.

—Os contrabaixos de Cacilhas já chegaram á mais apurada afinação. Aquillo é a gloria dos almadenses, que andam todos boquiabertos.

Resposta acertada

(Anecdota)

Indo um doutor de jornada,
No seu caminho encontrou
Uma cancella cerrada
E a um lapuz que avistou
Diz-lhe de cá, sem mais nada!
—«Pechiu! óla!
Abre essa cancella, já!»

—«Quem é você que assim manda?»
Inquire o lapuz audaz;
Ao que o doutor lhe desanda.
—«Eu sou um doutor, rapaz.
Ora abre a cancella, anda!...»
—«E' doutor!...»
E que é isso, senhor?»

—«Doutor é um homem taludo,
Doutor é um homem pateta,
Que entende e sabe de tudo...»
—«Pois se o que diz não é péta
Tambem sabe—ora o canudo
Do tramêllas!—
Tambem sabe abrir cancellas...»

Nicoulou tolo-em-Tino.

Caminhos de ferro

Sr. Ministro das Obras Publicas :

Estou sympathisando muito com V. Ex.^a. V. Ex.^a é um genio. (Não precisa mandar cartão de agradecimento por este tão sincero, quanto desinteressado e justissimo elogio.) V. Ex.^a é um genio!

Veio o Vargas, veio o Pereira dos Santos (que forçosamente são tambem grandes genios, porque são regeneradores); antes d'elles tinham vindo El-Vino (Deus lhe fale na alma, que já lá está na terra da verdade) que tambem havia de ter a sua costella de genio, porque era progressista (e V. Ex.^a não ignora que o genio e talento, n'estes reinos e seus contornos, foi todo monopolizado e dividido *pro rata* entre progressistas e regeneradores). Pois bem: vieram todos aquellos, vieram muitos outros, reis, o diacho a quatro; prometeram, observaram, estudaram, planearam, riscaram, traçaram, e... tres vezes nove!

Vem V. Ex.^a; e, com duas pennadas, sem mais *tir-te* nem *guar-te*, sem sequer nos dizer —*agua vai!*—atira-nos com 3:450 caminhos de ferro, que forçosamente vão fazer d'este ameno jardim á beira mar uma nova teia de Penelope!
Bravo, sr. ministro!

Se V. Ex.^a conseguir sair-se airosoamente d'esta alhada, eu ainda hei-de propor a V. Ex.^a uma série de melhoramentos importantes, cuja realisção revolucionará o universo. Eu proporia a V. Ex.^a um caminho de ferro para a lua, e franquearia o bello astro aos pombinhos que lá se quizessem ir entregar ás delicias de uma ademica lua de mel; e o franquearia tambem ao sr. Hintze e ao sr. José Luciano, que consoante affirmava um dia d'estes um auctorizado jornal, estão de ha muito gosando as doçuras de uma socegada lua de mel.

Mais proporia tambem um caminho de ferro para Marte, para uso exclusivo do sr. ministro da guerra, que lá iria todas as tardes adestrar-se nas artes da guerra. Mais uma linha telephonica para as forjas de Vulcano, para o sr. Teixeira de Souza lá mandar fazer um par de chaves de segredo para o thesouro publico. Mais uma carreira de automoveis para a *via lactea* e outra para os *Campos Elysios*, para encaminhar para lá a corrente do *high-life* europeu, que por em quanto ainda prefere Nice e Cannes, Cascaes e o Estoril.

Tambem uma rede telegraphica, communicando com todos os signos do Zodiaco, para de lá sabermos com urgencia quando haverá chuva, trovada, tempo secco, etc., etc.

Já vê V. Ex.^a que isto seria de importancia capital! Seria metter n'um chinello o sr. Santos Dumont, e mais o seu dirigivel; e depois mandariamos á fava o Saragoçano, e dispensariamos para sempre o Borda d'Agua, o Borda Leça, o Lunario Perpetuo, etc., etc., etc.

Antes d'isso, porém, permita-me V. Ex.^a que eu chame a sua esclarecida attenção para um assumpto de grande monta. Refiro-me ao pessimo serviço dos actuaes caminhos de ferro do Estado. Mas não quero accusar sem provas; ellas ahí vão, pois, e bem significativas, sr. Ministro... Ora queira V. Ex.^a ouvir:

Ha tempos, um sujeito seguia para uma feira, no coração do Alemtejo, com uma grande porção—com sua licença—de porcos.

Desejava, para maior commodidade, sua e da sua numerosa familia—sua, d'elle—seguir em caminho de ferro. Mas perdeu o comboio, e teve de seguir á pata—*pede calcante*—mais o batalhão grunhidor. Julgará V. Ex.^a que elle perdeu a feira. Pois está V. Ex.^a bem enganadinho. Chegou muito a tempo, fez o seu negocio, e só depois, e bem depois, é que por lá passou o tal comboio que partira em antes d'elle!... Olhe se elle não perde o comboio?!...

Outro facto:
Um meu compadre e amigo comprou um anno d'estes uma certa porção de batata, para gasto de sua casa (e não para receber a visita de algum ministro, como algum julgaria). E despachou-as pelo caminho de ferro. Passados dias foi procurar-as á estação: ainda não tinham chegado. Tornou passados 6 dias... na-

da. Voltou d'ahi a 15, e sempre nada. Tornou a voltar passado um mez, passados dois, passados tres, passados seis; soube então que as batatas estavam a chegar, e que estavam bonitinhas,—benza-as Deus—graças ás ultimas chuvas.

Grande surpresa no meu compadre das batatas!...

Mas não havia motivo: as batatas haviam grelado, e germinado com extraordinaria pujança, mercê da montureira que se fóra juntando, durante annos consecutivos, no carcomido *wagon*, que nunca mais fóra limpo, desde os antigos tempos em que o destacaram do remanso da officina para a vida amargurada e laboriosa do trafego mercantil. Choverá depois copiosamente; e o meu compadre tinha em perspectiva uma abundante colheita dos utilissimos tuberculos, em vez de um sacco de batatas que embarcara para sustento da familia.

Mais outro facto:
Um meu conhecido, que vive no Algarve, precisou em certa occasião de vir a Lisboa com urgencia. Tirou bilhete de ida e volta, e eil-o a caminho da capital.

Chegou a Lisboa, arranjou os seus negocios, e, passadas apenas umas quantas horas, regressou ao Algarve. Pois, sr. conselheiro, quando lá chegou, a familia não o conheceu! Fizera-se velho, calvo, encaneceral!

Gastára na viagem... nem elle soube dizer ao certo quantos mezes ou quantos annos. Mas ficára sabendo, bem á sua custa, que em Portugal só se viaja... em *pequena velocidade*, sobredito nas linhas do Estado; e que, quem quizer fazer uma viagem de Faro a Lisboa, tem de fazer primeiro o seu testamento e ultimas vontades, e habilitar-se com farnel para 6 mezes.

A' vista d'isto, sr. ministro, comece por aqui.

E depois mandará fazer caminhos de ferro para Maratêca e para a Porealhota, para Pico de Regalados e Maças de Dona Maria, para Freixo de Espada á Cinta e para a lua, para os Campos Elysios e para Traz-os-Montes.

Argus.

Um brocardo

(Ao meu talentoso amigo «Eurico Póveiro» em signal e fé de sincera estimação, consideração, contemplação e admiração.)

Bem haja em annos tão lugubres
Quem nos faz rir no *Petardo!*
Tristezas não pagam dividas,
Como dizia o Fajardo!

Mas quem n'este periodico
Quer gemer em verso chocho?

Tu, Jeremias da Povoia,
O' Eurico! ó moço, ó mocho!...

N'um paiz que nada em lagrimas,
Onde o ter siso é delictico,
Mais custoso é ser Demócrito

Do que imitar Heraclito.
Compõe larga Jeremiada

O mais péco poetastro
E vale por um Simónides
Qualquer Dantas ou Dom Castro,

Eurico, ó figura pallida,
Toma côr com boas pingas,
E larga a veneta esdruxula

De poeta choramingas.
Dos petardistas no código
Fique assente este brocardo:

«Não ha maior despropósito
Do que chorar no *Petardo.*»

Pelaio Vareiro.

E a tal excommunhão?

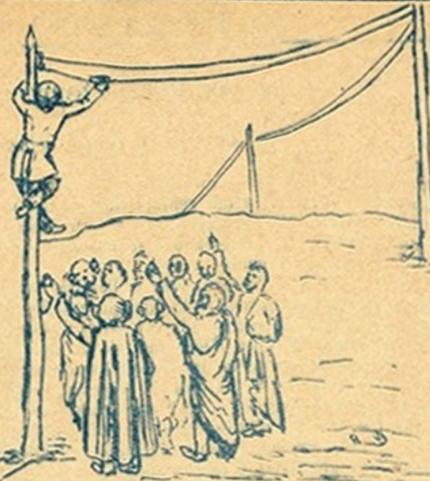
São já tres os assignantes que nos fizeram esta pergunta por causa d'uma qualquer allusão que viram aqui. Para que não venham mais a perguntar, respondemos, alto e bom som, que *não foi nada*.

—Mas porque não appareceu logo nas folhas catholicas um desmentido formal?

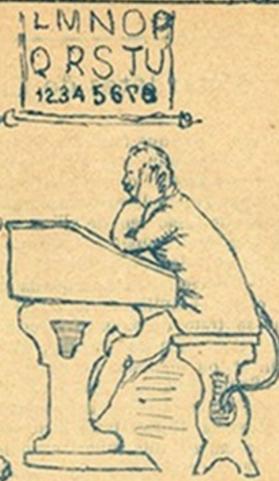
—Era o que faltava! E' preciso deixar que os Bar-Rachos façam figura de ursos... borrachos.



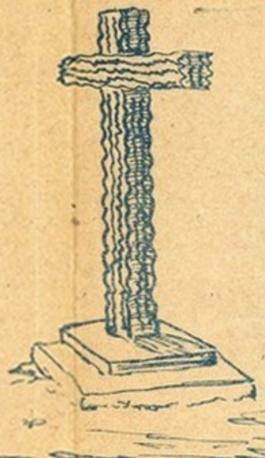
O enxuto que as chuvas d'esta quinzena fizeram correr, trouxe estas miserias que o leitor vai ver:



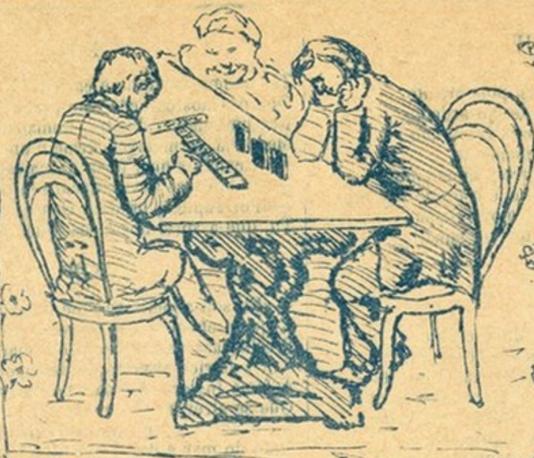
Um telegramma de felicitação enviado pelos academicos ao Tombas, digo, Combes, por— a força d'armas—expulsar do seu paiz as congregações religiosas.



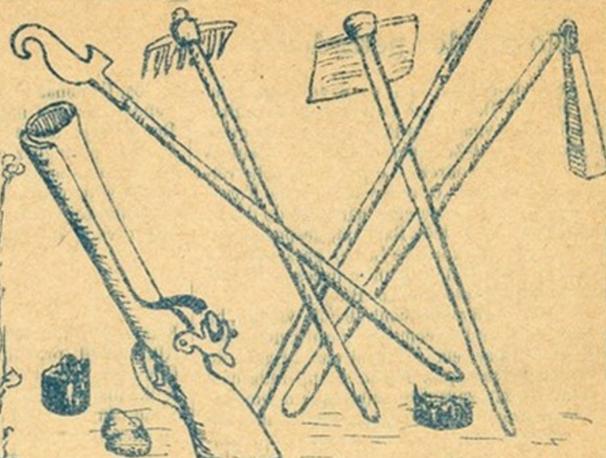
O embaraço em que o grande ministro se encontra para responder, visto ter ido estudar com uma vacca hespanhola o idioma da tal peça felicitoria.



A cruz—labaro bemdito das congregações—tremem; tal foi o alcance politico do despacho telegraphico.



Mas ainda bem que os rapazes não deram por tal—tão entretidos estavam com os seus estudos...



A urgente, inadiavel e valiosa aquisição d'armamento para o nosso exercito.



E para que não pareça ironia a aquisição d'armamento para um exercito que só existe no orçamento, mandou o ministro da guerra fazer soldados de papelão.



Ha, porém, uns poucos para a guarnição, que são feitos de gente, e estes vão adoptar um fardamento que deixe ver bem as formas herculeas dos nossos soldados; pagando pouco mais por tanto luxo.



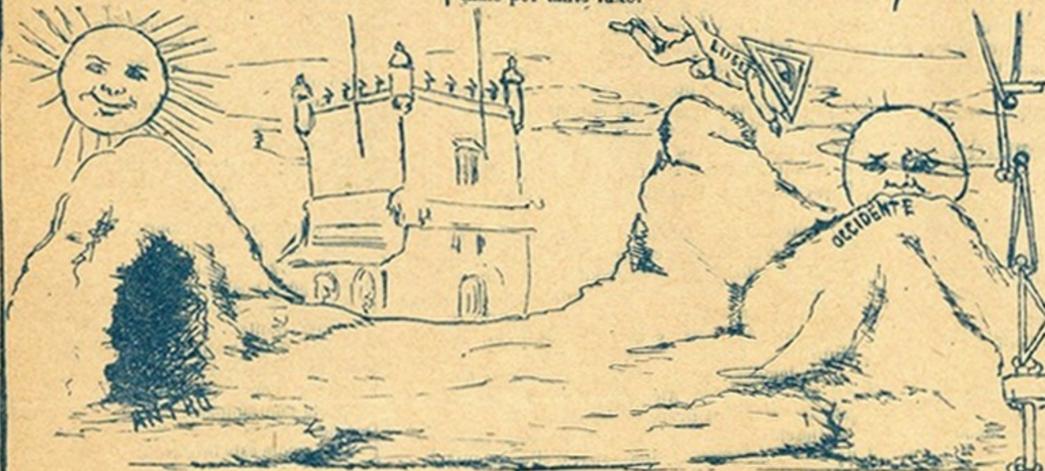
Os ministros da fazenda e da guerra a mendigarem uns farrapinhos que tapem 18:000 contos de buracos.



O grande estadista das libardades a fazer salamaleques aos frades, que combateu, e figas aos estadistas, que guerreia.



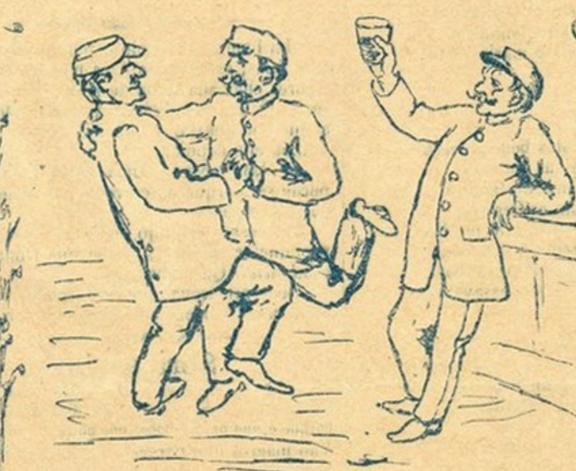
Um concurso para porteiro da universidade de Coimbra, para o qual só podem concorrer capelões e d'ahi para cima.



O occaso d'um oriente no valle de Lisboa:—Bemdito occaso, não por dar logar a novo lampadario caliginoso, mas por expôr á luz do nosso sol algumas miserias de que se alimentam e vivem os antros maçonicos—os inimigos da luz e progresso moral.



Avalia, leitor, o espirito de inteireza e justiça que tanto caracterizam os II... Questão da posse do malhete e pennacho a que todos se julgam com direito... porque todos são Irmãos...



O vergonhoso descanso dominical concedido aos carteiros; descanso a que tem direito sacratissimo, mas não ás pinguinhas, como o concedido, pois os deveres espirituales principiam pela manhã.



Finalmente, a despeito das seitas pelas vizitas dos soberanos allemão e inglez ao Paps.

Novidades petardeiras

Achando-se vago na corte de Braga o lugar de Rei David por fallecimento do ultimo principe da dynastia de Ferreiros, consta que o imperador Hint-Ze quer obrigar por insinuação o clero, a nobreza e o povo d'aquelle reino a aclamarem o nobre senhor de Torre. Se esta aclamação se effectuar antes do dia do nascimento de S. João Baptista, despovoar-se-ha com certeza a corte de Lisboa para assistir á dança do novo Rei David e necessariamente hão-de faltar frigideiras em Braga.

—Duas inglezas de contrabando vieram, ha pouco, de Gibraltar com o proposito, dizem ellas, de formar em Portugal uma brigada do *Exercito da salvação*. Assim se appellida uma das mais extravagantes seitas que o feminismo engendrou na reforma protestante. Um exercito que tem sempre mais *soldados* do que soldados, e á sua frente marechallas e generalas mandando nos coroneis, capitães e sargentos. Os exercicios principaes são marchar pelas ruas em pelotões, com bandeiras desfaldadas e a toque de caixa, cantar com toda a força das guelias hymnos religiosos de guerra, fazer sermoas nos theatros e nas feiras... e outras cavallarias d'igual jaez. Aviso e reclamo a todas as leitoras que pretendam ser captoas, brigadeiras e marechallas. Depois lá está um quartel general em Rilhabolles e outro no palacio do Conde de Ferreira.

—Está doente com tosse d'esgana a Lulu. Não conhecem? E' uma gatinha d'uma nossa respeitavel assignante, de quem recetemos pedido de publicar tão importante noticia.

Não fundam com a Lili, que é uma cadellinha d'um conhecido *sportsman*.

—Temos outra vez em Lisboa a guerra do *alerim* e da *mangerona*, e d'esta feita espalha-se por todo o paiz. Cá pelo Norte andam uns emissarios do Gr. M. seismatico do Alerim, que no mundo profano se chama Custodio Borja, á procura de lojas que se desquitam da Mangerona, que é o Gr. Oriente Lusitano Unido. Se estes pedreiros não tivessem tanto amor á pelle e dessem mais á lingua deante de gente, que bellos passos teriamos para pôr em verso e em caricatura! Lá os segredinhos guardam elles; mas a balburdia que vai entre as columnas faz echo ás vezes e ouve-se cá fora. Por fim tudo se sabe, porque o diabo é chocalheiro. Esperemos e saberemos.

A Embaixada

I

As glorias dos varões mais assanhados,
Que para lustre da Patria lusitana
Por mares de phantasmas povoados
Chegarão até á terra Thibetana,
Em sofás e poltronas repimpados,
Mais do que pedia a natureza humana.
E entre gente remota sublimaram
A patria querida que tanto edificaram,

II

E tambem as victorias façanhosas
D'aquelles typos, que foram dilatando
O nome portuguez pelas terras mysteriosas
De Asia, e a China andaram visitando,
E aquelles que por obras industriosas
A barriga de miserias vão tirando,
Cantando espalharei por toda a parte
P'ra se verem os progressos da *nova arte*.

III

Cessem do sabio Navarrão e do Marianno
As palavras bonitas que disseram,
Do Alpoim e outros que do Trasmontano
A' fama vil inveja lhe tiveram,
Que eu canto os heroes, que o lusitano
Puro sangue e alma então beberam;
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro Phaetonte ao *ceu* nos levanta.

IV

E vós, Camenas minhas, pois creado
Tendes em mim novo desejo ardente,
De que seja dez mil vezes celebrado
O nome portuguez eternamente,
Dae-me um peito de ferro e empolado,
Uma voz de contra-baixo e o brado ingente,
Para que cantar possa o novo Gama,
Que para si do antigo toma a fama,

V

Estava o Hintze alli sublime e dino
Alto, gentil, prasenteiro e apumado,
Que preside da lusitana Patria ao destino,
E lhe diz:—«O' tu da Lysia o mais amado
Filho illustre, mais que outros que do *fino*
Mystico licor puro não já provado,
Deixa lá da pasta as vis aspirações,
Vae buscar a gloria a longinquas regiões.»

VI

—«Bem sabes, ó Pae, que não sou movido
Por mesquinho interesse ou premio vão
A servir da Patria o nome querido.
Irei á China, ao mais longinquo sertão,
Provar assim ao mundo illudido,
Que n'este peito ha sangue luso e não villão
E d'isto hei dado já provas bastantes
Digam o que disserem os protestantes.»

VII

—«Vae, pois, apresentar ao novo Preste
Novo typo do outr'ora celebrado,
As homenagens milagrosas que já deste
A mim e que a outros já tens prestado,
Dize-lhe, que lá do *imperio seu celeste*,
Se compadeça d'este *Velho* alquebrado.
E se elle quizer ouro e pedrarias
Lhe serão dadas com mais especiarias.»

VIII

Assim diisse: e feita a venia costumada,
Ahi vae o Neo-Gama pressuroso,
Preparar *beefs*, conservas e marmelada,
E outros viveres para o dia venturoso,
Em que havia de dar á Patria amada
Um nome grande, illustre e portentoso.
Reuniu em seguida os companheiros
Homens d'armas, pilotos e marinheiros.

IX

Sem demora e de aprestes bem munido,
De Doris é recebido e das Nereias,
Que alegres ao Neo-Gama destemido
Fazem cortejo; e cantam as Sereias,
Emquanto o Enéas de vista tem perdido
Dos altos castellos patrios as ameias.
E enquanto aos remos dando estavam
Outras coisas mais altas se passavam:

X

Reunida do Olympo a gran cohorte,
Presidida pelo Divo omnipotente,
Invocaram alli propicia a Sorte,
Para um peito grande, magnificente,
Eram Vargas, Mattoso e Campos forte,
E o grande Pimentel, Péra pendente.
Porém o Soisa, qu'inda alli não 'stava
Para mores façanhas se reservava.

XI

Haviam já sulcado o salso mar,
Que as ciosas Athlantides guardavam,
Uns contando historias do seu lar,
Dos filhinhos e dos velhos que deixavam,
Emquanto outros não cessavam de contar,
As façanhas que os avoengos praticaram,
Quando uma nuvem que os ares escurece,
Sobre as suas cabeças apparece.

XII

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôz nos corações um grande medo,
Era uma figura sinistra, humanada,
Medonha, formidavel, firme n'um rochedo,
Ameaçando c'uma furia desvairada,
Quem tentasse desvendar o seu segredo.
—«Por Jupiter, brada o Gama, diz quem sejas,
Tu, que a sorte dos Deuses não invejas.»



XIII

—«Eu sou aquelle enorme Cabo afamado,
A quem chamais vós outros o grão Sousa;
Presido aos ventos, ao raio e mar irado,
Sou o tetrico abysmo, onde repousa
A fama ingloria de mais de um ousado,
Que se atreveu a tocar na minha lousa.
Sou a força motriz do luso Areopago,
Leão do mar e das Aguas do Vidago.

XIV

Porém não temas, ó filho afortunado
Da Patria do valente Condestavel;
Claro lampejo das glorias do passado,
Vae descortinar a riqueza invejavel
Do *Filho do Sol*, de Confucio celebrado
E de Zoroastro a furia indomavel.
Vae, não temas, que eu fico aqui velando,
P'ra que des á Patria um nome memorando.»

XV

Animada d'esta sorte a equipagem,
Por entre mil perigos realistou
A inconcebivel, immortall viagem,
Que nem ao *demo* em tempo algum lembrou.
Até já parecia á marinhangem,
Mal que a terra desejada avistou,
Ver o *celico Imperador* de palanquim,
Receber o lusitano *Mandarim*.

XVI

Mas o Destino fatal, obeceado,
Teve inveja dos loiros, que ganharia
O valente capitão mais que ousado,
Se podesse conseguir o que queria.
Mas o pobre Imperador atarantado,
Ao ouvir o que a embaixada lhe annuncia,
Cae; e n'um arranco de estremeceer,
«Agora... diz, não ha remedio senão morrer!»

Vulcano.

Um homem delicado e polido em todas as
suas falas, escrevendo para uma povoação dos
Açores chamada Rabo de Peixe, poz no ende-
reço: *Cauda de Peixe*. A carta não chegou
aonde elle queria, o que lhe causou prejuizo;
e dizia elle depois:

«Coisas nossas! Uma carta bem dirigida
perde-se, porque os correios não tem lingua-
gem decente!»

O mesmo bajoujo, fazendo escrupulo de
pronunciar rabanetes, disse que tinha comido
caudanetes. Que rabaceiro!

Bem precisava que um rabêlo rabugento
lhe tocasse rabecão com um rabote no rabioeste.

Será assim?

Eu gostava que alguém me dissesse as razões
Porque é que os cidadãos, que entram p'ro ministerio,
Vão magros que parecem vir do cemiterio
E vem gordos depois que semelham leitões.

A missão é espinhosa e de contradicções
E engordar com trabalho parece um mysterio;
Ha-de em folga viver quem com motivo serio
Gordos lombos quizer, livres de ralações.

Mas aquillo por lá: gamella a treshbordar
A' custa cá do Zé... não 'stão p'ra se ralar...
O serviço... ora adeus... que o faça quem quizer!

Calcule ser assim; quem ha por magrizella
Que seja, e não engorde em vida como aquella?
Ninguém... e é isto só que tem razão de ser.

Pé-Riquito

CARTAS De Braga

ao Porto.

Meu amigo idolatrado,
Meu velho Porto querido:
Vaes ficar admirado
Com este comunicado
Do meu peito enternecido.

Estou mettida n'um sino!
Por toda a parte foguetes!
Já ouço tocar o hymno
Obrigado a bombardino
E tremulam galhardetes.

Os meus filhos mais queridos
Juntos na Commercial,
Sem divisão de partidos,
Consegui vel-os unidos
N'um abraço fraternal.

Cheios de ardor e carinho
Querem, de mãos enlaçadas,
Ver a princeza do Minho,
Que é seu herço e seu ninho,
Com vias aceleradas.

Logo duas!... Que pechincha!
Quem havia dizer tall!
De goso meu peito s'incha;
E já se diz e se rincha
Que é ovo por um real.

Muitas vezes fui comida,
Ingenua como eu sou,
Como fui com a avenida;
E se agora sou servida
E' porque Braga falou.

Falou, sim, com energia
Nas praças, cafés e ruas;
Mas por fim, oh que alegria!
Consegui mais que queria
Em véz d'uma, tenho duas!

Uma directa a Monsão,
Vamos tel-a qualquer dia;
Depois outra em construção,
Que penetra o coração
Do herço da monarchial!...

Vou ser o centro e a testa,
Tudo aqui virá parar;
Por isso é que estou em festa
E já pouco ou nada resta
Que me não vejas dançar.

Vou ter castanhas baratas
E carne a meio tostão;
Vou ter alhos e batatas,
Lampreia e trutas em latas
Com o fidalgo salmão.

De Basto o vinho gasoso
De Guimarães, attanados;
E o azeite famoso,
O fumeiro saboroso
Do Pico de Regallados!

Pinhas, pinhões e pinheiros
Dos Arcos do Val do Vez;
De Villa Verde os balseiros,
De Suajo os caceteiros
E da Barca, muita rez!

Em troca d'aqui irão
Para mercados e feiras,
Políticos de sensação,
Oradores em embrião
E grozas de frigdeiras!

Já vés, meu Porto querido,
Porque tão contente estou;
E fica bem convencido
Que se tal hei conseguido,
E' porque Braga falou!

Toda tua
Braga

Pela copia,
Thomé Thomaz

Sal em grãos

Certa senhora foi visitar uma de suas amigas.

—Quem era essa senhora?

—Abi está a curiosidade! Parece reporter d'algum jornal. Não se diz. Basta saberes que mora ali na R. de S. Antonio—um pouco acima da loja que está em baixo, e fica á esquerda da que está no meio...

—Basta, já sei.

—Perspicaz, este moço! A nova geração é toda assim. Cega como toupeiras, e fina como ratos. Cada vez admiro mais a espertesa dos rapazes da nossa epocal!

E se elles chegam a ir a Coimbra? Ah! isso então é outro caso. Saem fortes em tudo, com uma tendencia para a asneira que não se imagina, com uma habilidade para a politica que nos surprehede. Não davam para um reles regedor, mas chegam a governadores no continente e nas ilhas, a commissarios regios, a altos funcionarios do Estado, e até a ministros!

—Mau! Mau! Tenho que aturar se começa a dar largas á má lingua. Vamos ao caso da senhora.

—Pois vamos.

Disse eu que certa senhora foi visitar uma de suas amigas. Por infelicidade não a encontraram em casa; mas viu que os moveis da sala estavam cheios de pó. Querendo dar á sua amiga uma lição, escreveu com o dedo sobre o pó que cobria as mesas e cadeiras a palavra porca.

—Que grosseria!

—Não digas isso: não sabes que hoje a sociedade divinizou as senhoras? Com estas honras, tudo lhes é permitido...

No dia seguinte, voltou a casa da amiga, e disse-lhe que a procurara na tarde anterior; mas tivera o desgosto de a não encontrar—(ah! mulheres, mulheres! tendes cara para representar todos os papeis!)

—Sim, já sabia que v. ex.* me visitara, porque deixou o seu nome escripto em todos os moveis—respondeu a dona da casa.

Escusado será dizer que a visita pouco tempo se demorou na sala. Retirou-se sem os beijinhos da praxe entre senhoras, e com a cara como se fosse um tomate dos mais vermelhos.

Mas os arrufos pouco tempo duraram; no outro dia as vi eu aos beijos e aos abraços n'um camarote do theatro de S. João—como os deputados da maioria e minoria—tal qual—que ora se beijam, ora se agatanham, ou como (n'outras eras) o Hint-Ze, e o Zé Lu-cio anno—Tanta vergonha tem uma como outra, dizia-se, cá em baixo, na plateia. Tanta vergonha têm os progressistas como os regeneradores, diz o paiz inteiro.

E vae assim a sociedade; assim a porca politica que nos está governando.

A vida está para os sem vergonha.

Já divergi mais d'essa opiniao...

Oração funebre

Pobre Paio! Tão joven ainda e já não existe! Cahiu, para não mais erguer o focinho, este moço esperançoso, que, apenas saído do ovo, já queria dizer—*tá-tá*.

Logo que soube onde tinha o nariz,—salvo seja,—principiou a notar que quem não fosse politico não valia um chavo n'este baixo mundo subllunar; por isso, conhecendo-se com enanchas para dar homem, fez-se politico nacionalista. E notando tambem que nesta terra de prodigios, só não escreve nos jornaes quem não sabe soletrar, e sabendo elle já ler por cima em letra redonda, fez-se jornalista-charadista-logogriphista-petardista... e o mais que termina em ista=, como dentista.

Assim entrou o nosso joven Paio, ha dous dias ainda, na senda da fama e da gloria; e promettia ir longe, se não vem Parca feroz embargar-lhe o passo, solapadamente disfarçada na tão popular figura da vaidade!

Logo que deu os primeiros passos no caminho glorioso que havia escolhido, julgou-se predestinado para chegar ao apice da gloria; e,

sem medir as consequencias, sem pensar o que são as glorias d'este mundo, deixou-se arrebatár nas asas da phantasia, e foi tal a invasão do microbio da vaidade, que... estoiro de-sastradamente, com seis centos mil milheiros de milhões de macaco!

Lá foi uma vez o Paio! D'elle nos resta apenas a saudosa lembrança da sua nullidade.

Requiem aeternam.....

Um amigo de Paio.

Logogripho

Com um delicado tecido—1, 8, 2, 3.
Formosa senhora encontrei;—7, 5, 7, 8, 2, 8, 9.
E com uma moeda que tinha—1, 4, 9, 6, 7, 3.
N'esta cidade o compreí.—1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9.

No todo de nove letras
Meu leitor has de conhecer,
Um nome e por signal
Lindo nome de mulher.

E. N.

Enygma

Quatro letras do alphabeto
dispostas de certo modo
fazem meu famoso todo,
fazem meu nome completo.

D'essas quatro são vogaes
duas, duas consoantes,
ficando aquellas distantes
e todas desiguaes.

A's direitas, tem cuidado,
se de mim te vires perto;
se demais te chegas, certo
que morrerás abrazado.

A's vessas, emfim te digo,
sou proposição que vés
em latim e em portuguez.
O resto agora é contigo.

Joel Barsaba.

Charadas

(Do numero anterior)

Decifração.—1.^a Homoplata; 2.^a Sapateta;
3.^a Povoa.

Logogripho

(Do numero anterior)

Decifração.—Amendoeira.

Charadas

De Joel Barsaba

(Do numero anterior)

Decifração.—I Fealdade; II Santelmo.

Logogripho

De Comba Romba

(Do numero anterior)

Decifração.—Sopapos.

Charada (Decapitada)

(Do numero anterior)

Decifração.—Iria.

Charadas novissimas

(Do numero anterior)

Decifração.—I Solar; II Apostolo; III Arcano.

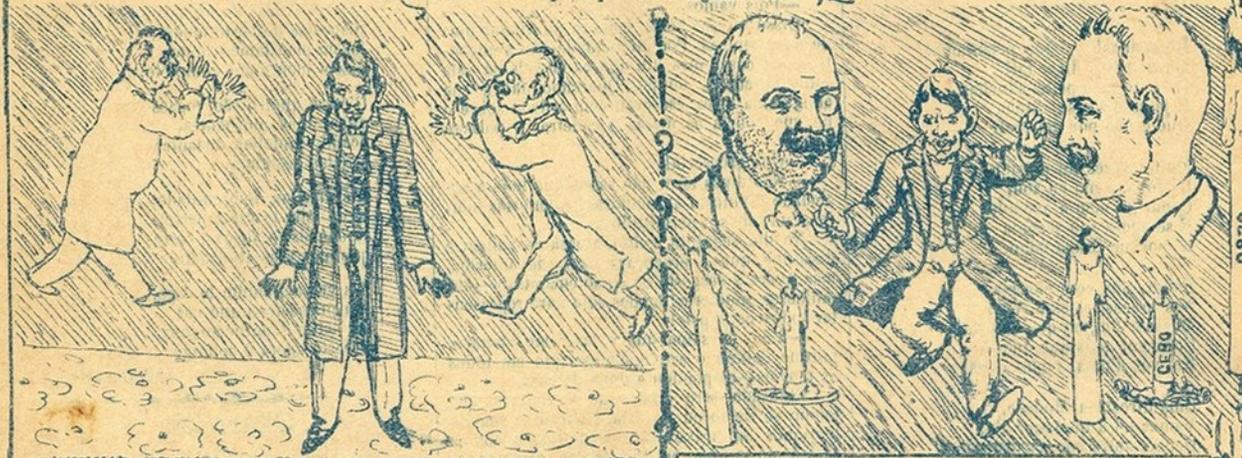
SOLILOQUIOS DE MR. FERVILHA



—Diabol!... Julguei que me benzia e dei miseravelmente com as ventas n'um sedeiro. Pois eu tinha gasto um bom naco de massa encephalica a estudar a questão!

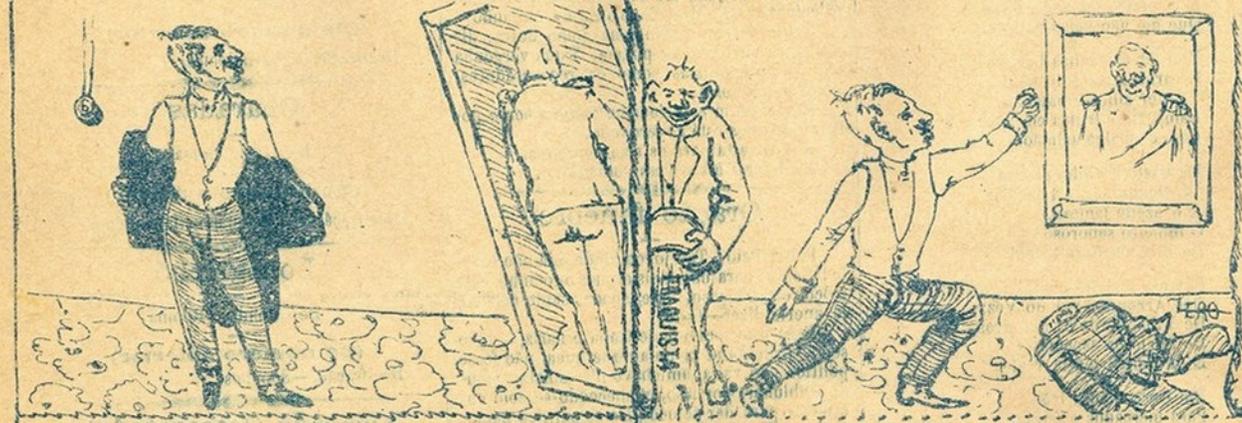
No meu caso, todos fariam como eu. Sem *Elle* querer—são lavas contadas!—nada feito, porque *Elle* ainda é, como o Sampaio disse algures, a unica força no meio d'este descabro. Portanto,—o Bom Senso o dizia—devia aproximar-me d'*Elle* para poder ser alguma coisa.

E assim fiz. Barretadas para a direita, sala-maleques para a esquerda, silencio sepulchral sobre tudo que *O* pudesse maguar, mas... nicles, nicles, nicles: *Elle* era de gesso!



Por que se não prestaria a fazer jogo franco? Não sei! não sei! não sei! Intrujices do Hint-Ze? Provavelmente. Rabulices do Zé Luci-Ano? Talvez.

E o Soyeral? E o Pindella? Que fizeram estes basbaques? Se eu percebo, sei! Mas percebo, percebo, percebo sem sei! *Elle* não me quer, *Elle* ri-se de mim, *Elle* chama-me larvado, *Elle* sabe que não posso com uma gata pelo rabo, *Elle* não ignora que o tratei com desdem e até com sobranceria, Raios!...



Mas então—caracoles!—o meu caminho está traçado: dispo a saca com botões amarellos d'armas reaes, volto-lhe as costas, proclamo-me revolucionario e—*audaces fortuna jubat!*

Ergue-se iracundo, de punhos serrados para o retrato d'*Elle*, que tem na frente, toca a campainha, e, ao apparecer o criado, brada-lhe com voz de estentor:
—Despeja a panella do caldo franquista e traze-me uma canja de regenerador liberal.